

# Sinopse das entrevistas realizadas aos agentes sociais ligados à velhice (Dirigentes, técnicos e auxiliares de acção directa)

## Dimensão 1 – Experiência e trabalho no lar

Problemáticas	Entrevistado A6	Análise
Tempo de experiência	«Desde Setembro de 2005.» (P. 1)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ 4 anos.</li> </ul>
Funções	<p>«Portanto eu sou psicóloga clínica aqui no Lar.» (P. 1)</p> <p>«[...] Ser um bocadinho o apoio, o suporte, a pessoa com quem eles sabem que podem contar. [...] desde o início das entrevistas para a admissão nos inquéritos, porque nós vamos a casa das pessoas conhecer a situação e avaliar a situação do contexto da família ou da casa, e avaliar a situação da pessoa. Portanto depois fazemos a nossa avaliação, se a pessoa está mais dependente se está mais válida, quer em termos físicos, quer em termos mentais ou cognitivos... para conhecer as necessidades e para saber o que elas precisam da instituição e para onde se podem, digamos assim, colocar. Como temos uma casa por pisos, com zona de dependentes e de pessoas mais válidas, temos que fazer essa adequação de onde a pessoa ficará ou poderá ficar dentro da casa. Portanto eu acompanho-as nesse inquérito ao domicílio. Depois seguidamente é quando a pessoa entra, a admissão e o acolhimento, que é uma fase em que estamos mais presentes, mais juntos da pessoa, porque a integração aqui é sempre complicada. Mostramos-lhe a casa, apresentamos-lhe os colegas de quarto, explicamos os horários de funcionamento,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Psicóloga clínica.</li> <li>○ Apoio psicológico;</li> <li>○ Colaboração na avaliação dos idosos;</li> <li>○ Ajuda na integração da pessoa no Lar;</li> <li>○ Trabalho com a família, sensibilização;</li> <li>○ Controlo das tarefas diárias;</li> <li>○ Manutenção de registos e relatórios;</li> <li>○ Apoio ao domicílio;</li> <li>○ Colaboração com a animação;</li> <li>○ Apoio aos funcionários.</li> </ul>

	<p>portanto todo o dia-a-dia da instituição. [...] depois a partir do momento em que pessoa entra aqui também podemos conversar com a família, expor-lhe a situação toda do contexto institucional, sensibilizá-los para a importância da participação deles, para os visitarem com regularidade, para não cortarem os laços, para os levarem a casa, é todo um trabalho pedagógico que fazemos com as famílias. Depois no dia-a-dia, temos que circular muito pela casa, controlar as refeições, as higiènes, nas visitas também nos procuram muito para perguntar como está o familiar, como não está... Há sempre um contacto muito próximo com as famílias no horário de visitas. Temos o outro lado um pouco burocrático, portanto faço os meus registos, os meus relatórios. [...] Também já tenho ido com os ajudantes de domicílio a casa de alguns idosos e fico lá meia hora uma hora durante três ou quatro semanas ou o que seja preciso. Colaboro também com a animação, quando as pessoas entram saber se elas estão interessadas ou não e em quais actividades. Às vezes também dou apoio aos funcionários... faço muitas coisas, aqui não há rotina, todos os dias são diferentes.» (P. 1-2)</p>	
<p><b>Dificuldades</b></p>	<p>«[...] Com eles especificamente... hummm... há sempre, ou inicialmente havia porque agora já estão mais habituados comigo... conseguir que eles expressem os seus problemas, que confiem em nós, que falem connosco, que sabem que podem desabafar como eles gostam de dizer e que isso não é depois utilizado ou não é contado à família... Primeiro, é então estabelecer esse vínculo de confiança, claro que é mais fácil com uns do que com outros. Temos que nos adequar também em termos da nossa linguagem técnica... Eles são todos diferentes, temos que conhecer a personalidade de cada um e saber como agir com cada um.» (P. 2-3)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ganhar a confiança dos idosos;</li> <li>○ Conseguir que eles se abram com ela;</li> <li>○ Adequar a linguagem aos idosos;</li> </ul>

## Representações sociais anteriores da velhice

«O que me surpreendeu de forma positiva é a forma... como algumas pessoas encaram esta etapa [...] mas também há o outro lado, das pessoas que estão aqui e que estão cá bem, estão cá felizes, estão cá bem-dispostas, que já viveram cá muitas coisas que nunca tinham vivido antes... pessoas com grandes dificuldades quer a nível habitacional, limitadas em termos de experiências culturais ou de oportunidades que nunca tiveram e que eles próprios dizem que só vivenciaram isso depois de estarem aqui. O que me surpreendeu mais foi ver que aquela imagem, aquele estereótipo não correspondia à realidade.» (P. 3)

«Isto não deixa de ser uma instituição... com os seus defeitos, com as suas rotinas muito estabelecidas e nas quais têm que ser as pessoas a encaixar. Dada a dimensão da casa, não poder haver essa atenção tão individualizada, porque a refeição tem que ser aquela hora, a higiene tem que ser àquela hora [...] É um ponto negativo ao qual nos é difícil ultrapassar na totalidade. Também, às vezes por parte das funcionárias, por falta de formação, principalmente este pessoal mais antigo, a forma como elas encaram, como elas lidam, elas já estão tão formatadas nessa rotina que às vezes se esquecem da pessoa, preocupam-se é em fazer o seu trabalho e esquecem-se que o estão a fazer a uma pessoa e isso faz-me um bocado impressão e é uma das coisas pelas quais temos que lutar diariamente na prática. [...] Depois aqueles idosos que já estão acamados e pelos quais é difícil fazer alguma coisa ou aos quais não chegamos tanto como em relação a outros e isso é um bocado frustrante e manter a dignidade mesmo nessa fase nem sempre é conseguido e isso é um ponto negativo para o qual as administrações têm que mudar. O facto de isto ser uma instituição às vezes tem esse peso de não olhar

### **Pontos positivos:**

- A forma positiva, como certos idosos encaram a velhice.

### **Pontos negativos:**

- A rotina da instituição;
- Tratamento em massa dos idosos, falta de individualidade;
- A forma como, certas funcionárias, lidam com os idosos;
- Os idosos acamados, falta de dignidade, falta de soluções para eles;
- Falta de recursos humanos;
- Falta de recursos financeiros.

	realmente para o que aquela pessoa precisava e isso implica mais recursos humanos, mais recursos financeiros que nem sempre estão presentes. Há sempre alguma coisa que é difícil pôr em prática.» (P. 3-4)	
Competências	«Muita paciência, uma grande capacidade de adaptação e de compreensão e da nossa parte muita flexibilidade e saber que não podemos falar a todos da mesma forma, uma análise, uma compreensão muito grande da outra pessoa para a podermos chegar ao íntimo dela e [...] não podemos trazer os problemas, não podemos ter um dia menos bom e deixar transparecer isso para a relação com os utentes.» (P. 4)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Paciência;</li> <li>○ Capacidade de adaptação;</li> <li>○ Compreensão;</li> <li>○ Flexibilidade;</li> <li>○ Deixar os problemas para trás.</li> </ul>

## Dimensão 2 – Representações sociais da velhice

Problemáticas	Entrevistado A6	Análise
Definição	<p>«Portanto, é a última etapa do ciclo de vida, já sabemos que nascemos, vivemos e morremos e antes de morrermos temos aquela fase em que as capacidades já não são as mesmas a nível físico e a nível mental. Acima de tudo vejo-a como uma etapa nova com novos desafios, novas características e exige das pessoas uma adaptação [...]» (P. 4)</p> <p>«É claro que em termos legais e sociais porque as coisas têm que estar muito marcadas será a tal idade associada à reforma. A partir do momento que a pessoa se reforma e deixa a vida activa, então parece que nesse dia passa da fase adulta a idoso. Mas esquecendo esse lado tão rígido que existe em termos sociais e legais,</p>	<p><b>A velhice é:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ A última etapa da vida, ou seja, antes da morte;</li> <li>○ A perda de capacidades a nível físico e mental;</li> <li>○ Uma etapa que exige uma adaptação.</li> <li>○ Legalmente, a passagem é marcada pela entrada na reforma;</li> <li>○ Mas varia de pessoa para pessoa, não é</li> </ul>

	<p>penso que é muito variável de pessoa para pessoa. Não é uma realidade homogénea e nem todos entramos lá naquela idade cronológica, todos nós conhecemos pessoas mais velhas que parecem mais novas e vice-versa. Portanto eu acho que seria quando a pessoa começa a ver que já não pode viver da mesma forma, tem que adaptar a sua vida... onde as suas limitações físicas e mentais começam a interferir no seu dia-a-dia e a pessoa precisa de uma bengala, de alguém que lhe ajude a fazer a cama [...] Assim, há pessoas que é aos 60 e outras que é aos 80, depende...» (P. 5)</p> <p>«É essa questão da autonomia, penso que poderá marcar mais, quando a autonomia deixa de ser aquela que sempre foi.» (P. 5)</p>	<p>homogéneo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser velho é quando as limitações físicas e/ou mentais põem em causa o nosso dia-a-dia.</li> <li>○ A principal mudança é a perda de autonomia.</li> </ul>
<p>Caracterização</p>	<p>«Costuma-se dizer que se envelhece como se viveu... e se as pessoas tiverem a situação bem resolvida durante a vida, a velhice pode ser uma ótima etapa de... fazer esse balanço, de ficar satisfeito desse balanço do que fizemos para traz [...] a velhice será uma etapa de tranquilidade, de satisfação, de bem-estar e associada à reforma, se ainda houver alguma autonomia, poder aproveitar para poder fazer aquilo que... alguns outros objectivos que não tenham sido cumpridos porque trabalhávamos, por causa dos filhos...» (P. 5)</p> <p>«Em oposto àquilo que estava a dizer, se a pessoa teve uma vida com muitos problemas, com muitas dificuldades que não foram sendo resolvidas seja a nível familiar, seja a nível de trabalho, de relacionamentos sociais ou até a nível físico, pessoas que já tenham tido problemas de saúde, a velhice pode potenciar essas coisas. [...] Por exemplo a nível familiar, se há alguma história de família mal</p>	<p><b>Vantagens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Balanço positivo;</li> <li>○ Tranquilidade;</li> <li>○ Satisfação;</li> <li>○ Bem-estar;</li> <li>○ Ter tempo para fazer determinadas coisas.</li> </ul> <p><b>Desvantagens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Balanço negativo;</li> <li>○ Problemas por resolver;</li> </ul>

resolvida, a pessoa chegou à velhice e ficou doente, os filhos não vão poder dar a assistência aos familiares, muitas vezes porque houve conflitos e as pessoas não estão muito próximas e isso vai agravar com que essa dependência na velhice deixe a pessoa sem suporte. E depois traz uma mudança muito complicada para algumas pessoas que é a passagem à reforma que é uma modificação muito grande e que se não for bem vivenciada e bem resolvida e bem estruturada pela pessoa, como às vezes só assentamos a nossa vida no trabalho, se deixamos isso e não temos outras coisas, e se as outras áreas da vida não estejam bem, pode realmente ser desesperante porque se deixou de ter o papel principal... aquele papel que a pessoa ocupava deixa de existir e isso pode ser para algumas pessoas a parte mais negativa, porque deixam de saber o que são e qual o seu lugar. As pessoas também deixam de ter o mesmo poder económico que tinham e como passam até a ter mais exigências, precisam de medicamentos e não têm mecanismos para os comprar. A parte negativa da velhice é que para muitas pessoas implica uma mudança de estatuto, seja social, seja económica, que seja depois associada às doenças e essa mudança de estatuto que é quase sempre para pior, o passar a sentir-se inútil, o passar a ser desvalorizado é a parte mais negativa da velhice. E se houver já problemas para traz pode ser realmente uma etapa muito angustiante para as pessoas.» (P. 6)

«[...] Não deveriam constituir um problema mas constituem em virtude dos princípios e dos valores em que assenta a sociedade actualmente. Acho que a sociedade ainda não percebeu onde os idosos podem ser úteis. A partir do momento em que entram na reforma, se as pessoas não se adaptarem, a sociedade

- A reforma pode ser mal vivenciada;
  - A pessoa já não sabe qual é o seu papel;
  - Perda de poder económico;
  - Perda de estatuto social;
  - Ser desvalorizado;
  - Sentir-se inútil;
  - Etapa angustiante.
- 
- Constituem um problema por causa dos valores actuais da sociedade.

	<p>não a irá buscar... e eles poderiam ser muito úteis quer para a sociedade quer a nível familiar.» (P. 6-7)</p> <p>«Actualmente é vista como algo negativo sem dúvida. Porque está associada a essa inutilidade. Ao já não servir para nada, ao ser um peso para a família porque de repente é uma pessoa que está sozinha e causa é trabalho [...] e como o nosso tempo já é tão ocupado aquilo é só uma coisa que nos vem roubar mais tempo, que nos vem roubar mais recursos, que se calhar tem que vir para nossa casa e depois se calhar não temos espaço para ela...» (P. 7)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Vista como algo negativo devido a ser associada à inutilidade, ao facto de constituir um peso para a família.</li> </ul>
<p>Necessidades</p>	<p>«[...] Portanto têm necessidades diferentes... e se as pessoas já não estão numa vida activa, se já não estão numa fase produtiva da vida, obviamente que as necessidades são outras, são mais necessidades de satisfação, de realização, de ocupação [...] portanto esses objectivos e essas necessidades mudam, modificam... Então quando chegam a essa fase têm as necessidades básicas que todos têm e que sempre existem, essa necessidade de compreensão, principalmente de serem compreendidos, de serem aceites, de serem valorizados e... de poderem ter oportunidade de realizar algo que lhes dê prazer. Continuam a ter a mesma necessidade que nós temos, que normalmente expressamos no trabalho, de fazermos algo que nos realize. [...] Eu acho que as necessidades dos idosos não variam muito das necessidades de qualquer ser humano, obviamente adaptadas às suas capacidades, que muitas vezes já não são as mesmas e limitadas por doenças ou outras coisas que possam existir, mas as necessidades de convívio, relacionamento interpessoal, de proximidade, de bem-estar continuam a existir. Não é porque passamos a ser idosos que deixamos de querer o que sempre quisemos.» (P. 7-8)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Variam de idoso para idoso;</li> <li>○ Com a vida na velhice ganha novos contornos, as necessidades também;</li> <li>○ As necessidades básicas continuam a ser as mesmas;</li> <li>○ Conseguir compensar a ausência do emprego/trabalho com novas estratégias.</li> </ul>

<p>Participação</p>	<p>«[...] Pensam que poderiam ser muito úteis à família, quando começar a perceber que tem ali um recurso, quando os filhos começarem a perceber que se calhar o pai ou a mãe até podiam em vez de deixar o miúdo num ATL ou aqui e ali, se poder ficar com o avô ou a avó, se o avô ou a avó ainda estiver capaz, é realmente uma aprendizagem muito importante para a criança [...] E depois em termos da sociedade, eu penso que esses grupos de voluntários que existem são uma coisa muito boa porque as pessoas se sentem realizadas, estão a apoiar alguém e realmente ocupam um papel que é desempenhado por eles e que se não fosse desempenhado por eles, não o seria por mais ninguém [...] Depois devem ser aproveitados ao máximo os seus conhecimentos, o que têm para transmitir, seja na actividade profissional que desempenharam porque podem continuar depois de aposentados a transmitir alguma coisa de novo às pessoas mais jovens... ou a Universidades Seniores ou em outro tipo de estruturas que começa agora a haver, onde as pessoas mais velhas vão aprender alguma coisa, mas também podem ainda dar alguma coisa de si. [...]» (P. 8-9)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A nível familiar, guardando os netos por exemplo;</li> <li>○ Voluntariado;</li> <li>○ Transmitir o conhecimento aos mais novos no sítio onde trabalhavam;</li> <li>○ Universidades Seniores.</li> </ul>
<p>Qualidade de vida</p>	<p>«[...] melhorar a muitos deles a sua condição económica... ainda que a qualidade de vida não seja só isso, é verdade que se a pessoa não tiver uma habitação condigna e uma alimentação condigna, não terá qualidade de vida. [...] Depois penso que a qualidade de vida tem que passar por esse aproveitamento das pessoas... realmente para não termos ainda pessoas válidas, fechadas em casa, sozinhas e isoladas, tem que se ir ao encontro dessas pessoas. Se a pessoa se sentir mais valorizada, vai se sentir mais satisfeita e de poder fazer alguma coisa, isso vai melhorar a sua qualidade de vida.» (P. 9)</p>	<p><b>Para melhorar a qualidade de vida:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Melhorar a condição económica dos idosos;</li> <li>○ Aproveitar o conhecimento e o recurso que constituem os idosos.</li> </ul>

Dependência	«A dependência é o não podermos fazer as nossas actividades diárias sem o auxílio de alguém.» (P. 9)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Necessitar do auxílio de alguém para fazer as actividades diárias.</li> </ul>
<b>Dimensão 3 – Caracterização e representações sociais dos utentes</b>		
Problemáticas	Entrevistado A6	Análise
Definição	<p>«Não cabem todos na mesma descrição... seriam precisas diversas caracterizações. Temos os idosos bem-dispostos, satisfeitos, interessados, participativos, hummm... realizados. Depois temos outro grupo de idosos que vivem mais angustiados, que vivem um bocadinho mais revoltados, que não encaram bem a velhice, que têm dificuldades em aceitar as suas limitações, que têm muita vergonha de depender de alguém para a sua higiene, para a sua alimentação... que estão muito dependentes e não aceitam essa dependência. Depois há algumas pessoas intermédias, mas há essencialmente estes dois grupos. Estes dois grupos muitas vezes estão associados a maior ou menor autonomia.» (P. 9-10)</p> <p>«Têm muito para nos ensinar, muito para nos dizer, muito para poder fazer ainda e... mesmo a nível de trabalho, mesmo ao nível de fazerem um paninho de renda ou fazerem um bordado, fazerem isto, fazerem aquilo. Conseguem nos fazer sentir bem a nós... de nos dizerem “ah! Nunca estive tão bem, nunca estive tão bem acompanhado”. Portanto também sabem reconhecer. [...]» (P. 10)</p>	<p><b>Os idosos do Lar:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ São todos diferentes;</li> <li>○ Podem ser divididos principalmente em dois grupos: os bem-dispostos e alegres e os que encaram e vivem mal a velhice;</li> <li>○ O grau de dependência influencia a forma como a pessoa vive a velhice;</li> <li>○ Têm habilidades, podem nos ensinar muito;</li> <li>○ São reconhecedores.</li> </ul>

<p style="text-align: center;"><b>Necessidades</b></p>	<p>«Portanto, eles têm necessidades sem dúvida em termos físicos de ajuda, cuidados de enfermagem, cuidados médicos, cuidados de higiene... Têm necessidade de serem compreendidos, têm necessidade de serem reconhecidos, têm necessidade de serem respeitados como são, como cada um e de não terem que entrar aqui e apagarem-se e deixarem de ser aquilo que sempre foram. Têm necessidade de continuar a expressar-se e manterem a sua integridade e forma de ver a vida, a forma de a vivenciarem e os seus hábitos que sabemos que aqui às vezes são difíceis de manter. Depois têm uma grande necessidade de serem acarinhados... a parte dos afectos, muitas vezes eles vêm como uma grande... carência a esse nível. [...]» (P. 10)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Necessidades físicas: ajuda, enfermagem, higiene e cuidados médicos;</li> <li>○ Necessidades psico-sociais: reconhecimento, respeito, integridade, carinho/afecto.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Actividades</b></p>	<p>«[...] têm os grupos corais, têm os grupos de dança, têm um grupo de teatro, têm os jogos tradicionais, desde os jogos de cartas, os dominós, outro tipo de jogos... há sempre a leitura de manhã, a ginástica, depois têm uma série de saídas e passeios mais ou menos regulares, quase todas as semanas vão ao <i>Chá Dançante</i> que é organizado pela Câmara [da Covilhã], também vão praticamente todas as semanas, a não ser que o tempo esteja muito mau, vão por exemplo ao <i>Serra Shopping</i> ou vão ao <i>Jardim do Lago</i>, portanto vão aqui a zonas da cidade, zonas de convívio públicas. Depois, festejamos todas as datas aqui... festeja-se o Natal, festeja-se a Páscoa, festeja-se o Carnaval, festejam-se os Santos Populares, festeja-se o São Martinho. Têm a Capela, que para a maior parte deles é uma coisa muito importante, a parte da religião, temos um padre que vem duas vezes por semana a fazer missa e estar com eles a fazer esse acompanhamento, para muitas pessoas tem muita importância. Para muitos é um suporte para vivenciar esta fase. Vão à praia todos os anos um grupo, também temos todos os anos a ida a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Grupo coral;</li> <li>○ Grupo de dança;</li> <li>○ Grupo de teatro;</li> <li>○ Jogos tradicionais;</li> <li>○ Leitura,</li> <li>○ Passeios ao Chá Dançante, ao Serra Shopping, ao Jardim do Lago, à praia, à Serra da Estrela, às terras de origem;</li> <li>○ Comemoração dos dias festivos;</li> <li>○ Missa;</li> <li>○ Intercâmbio entre lares.</li> </ul>

	<p>Fátima que também é muito importante para muitos deles. Depois quando o tempo começa a melhorar, vão à Serra [da Estrela] portanto a este parque de merendas que há aqui, fazem jogos populares e almoçam lá, lancham. Depois no Verão, a Graça costuma ir com eles às terras de origem, temos muitas pessoas aqui das aldeias à volta. Fazem intercâmbios com outros lares também de vez em quando, vão os nossos actuar a outro lar ou vêm dos outros lar actuar aqui... ou escolas, também já têm vindo com os miúdos. [...] ainda que estas estejam mais direccionadas para as pessoas que têm ainda alguma autonomia e sabemos que aqueles que estão mais dependentes e que não podem participar ficam um bocadinho à parte...» (P. 11)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Actividades direccionadas para os idosos dependentes.</li> </ul>
<p><b>Relação com o idoso</b></p>	<p>«Eu penso que tenho uma boa relação... muito melhor com uns, um bocadinho menos próxima de outros porque como há outras técnicas há sempre aqueles que se sentem mais próximos ou da Dra. X ou da Dra. Y. Mas de forma geral, penso ter uma boa relação com todos. Acho que eles já perceberam que têm uma pessoa em quem podem confiar e que os podem ouvir.» (P. 11-12)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Boa relação;</li> <li>○ Relação de confiança;</li> <li>○ Confidente.</li> </ul>
<p><b>Problemas</b></p>	<p>«A maior dificuldade deles é o encaixar-se nesta rotina... a adaptação ao quotidiano, saber que todos os dias têm que tomar o pequeno-almoço às 9h, têm que almoçar ao 12h15... às vezes não traziam esses hábitos sequer desses horários... ou ter que fazer a higiene de manhã, quando se calhar alguns faziam à noite... isso é uma dificuldade, integrar-se, as horas deixam de ser definidas por nós mesmos, passam a ser definidas pela casa e temos que nos encaixar. E depois outra dificuldade grande pela qual as pessoas passam, a maior parte deles, eles vêm para aqui e tirando raras excepções não conhecem ninguém. E isso é uma dificuldade imensa. Passar a partilhar um quarto com alguém que não se conhece</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A rotina do Lar;</li> <li>○ Cumprir horários e regras;</li> <li>○ Não conhecer ninguém quando entram para o Lar;</li> <li>○ Partilhar o quarto;</li> <li>○ Coabitação com pessoas diferentes nos hábitos;</li> <li>○ Falta de privacidade.</li> </ul>

	de lado nenhum, com uma história de vida completamente diferente, hábitos completamente diferentes e ter que criar uma relação minimamente agradável com essa pessoa com quem se vai partilhar um espaço tão íntimo como um quarto e isso é uma dificuldade muito grande. [...] Outro problema muito grande é também conseguir manter a sua intimidade, o seu espaço próprio e isso é muito difícil... e nós aqui temos quartos de dois, três e quatro pessoas...» (P. 12)	
<b>Dimensão 4 – O papel da família</b>		
<b>Problemáticas</b>	<b>Entrevistado A6</b>	<b>Análise</b>
<b>Função</b>	«[...] continua a haver o sentimento por parte da família que o lar é o último recurso, continua a haver aquele peso de ter que vir pôr a pessoa no lar. Apesar de aquela pessoa ser o problema, também não era esta a solução no ideal que gostaria... há também aquela ideia de «ah! Se eu pudesse eu ficava, se eu pudesse eu tratava», acho que andam ali naquele balanço de «esta pessoa é o nosso problema mas se a vou pôr no lar parece que estou a abandonar». Eu acho que as famílias estão nesta dicotomia e vivem muito, porque sabemos que a vida não é muito fácil, neste meio termo de querer arranjar uma solução boa para a pessoa que às vezes tem que ser o lar, mas não é isso que elas queriam [...]» (P. 12-13)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ O idoso é visto como um peso para a família;</li> <li>○ O Lar conotado negativamente pela família;</li> <li>○ Vivem numa dicotomia: Encontrar a melhor solução para o idoso mas ao mesmo tempo não poder ficar com ele em casa.</li> </ul>
<b>Relação com o idoso</b>	«Temos de tudo. Também temos aqueles que vêm uma vez no ano e que se calhar nunca vêm. [...] há pessoas que vêm quase diariamente, se tiverem disponibilidade vêm muito, levam os idosos no Natal, no aniversário, na Páscoa... a maior parte das famílias está presente, acompanha e vem muitas vezes.» (P. 13)	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Regularmente;</li> <li>○ Raramente/nunca.</li> </ul>

## Participação nas actividades

«Sim, poderiam participar mais realmente. Cabe às instituições e a esta abrirem-se um bocadinho mais às famílias. É verdade que às vezes fechamo-nos um bocadinho sobre nós mesmos e nem sempre nos abrimos o suficiente. Mas em relação àquelas actuações que existem na altura do Natal, como normalmente são quase sempre depois do lanche, começam durante o lanche e prolongam-se durante o horário de visitas, as pessoas podem entrar e assistir, estar no refeitório e assistir... por exemplo o magusto foi feito durante a tarde, as famílias que vieram à hora das visitas também estiveram e participaram. Elas não são convidadas formalmente a participar, mas podem participar e assistir se decorrer no horário das visitas, mas acho que deveríamos solicitar formalmente a presença das famílias.» (P. 13)

«Participam se por acaso nesse dia vierem ao Lar... há uma participação um bocadinho passiva digamos.» (P. 14)

- Podem participar informalmente em algumas actividades se coincidirem com o horário de visitas;
- Formalmente não podem participar;
- Participação passiva.
  
- Neste aspecto, a instituição é um pouco fechada.